

# O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E HUMANO DIFERENCIADO DAS REGIÕES DO TRIÂNGULO, ALTO PARANAÍBA E NOROESTE DE MINAS GERAIS

Bernardo Palhares Campolina Diniz<sup>1</sup>  
Rodrigo Fortini Boschi<sup>2</sup>

## Introdução

O presente artigo visa discutir o desenvolvimento diferenciado do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas Gerais, a partir da colonização recente do Centro-Oeste e sua integração com o Estado de São Paulo.

Primeiramente traçamos um histórico da região em estudo sob dois aspectos:

- A influência da expansão agrícola e colonizadora do Centro-Oeste sobre a região
- O papel da desconcentração industrial de São Paulo na consolidação da região como pólo agroindustrial

Visto isso, analisamos de que forma tais fatores influenciaram no bem-estar da população da região em estudo. Esta análise será feita através do Índice de Desenvolvimento Humano de forma comparativa intra-regional e com o Estado.

Por fim, apresentaremos algumas considerações derivadas do presente estudo.

## 1. Histórico

A colonização da região do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba data do Século XVIII com as primeiras bandeiras paulistas em busca de ouro na região Oeste, afinal descoberto nas regiões do Triângulo, de Goiás Velho (GO) e Cuiabá (MT). É esse o marco de início do surgimento do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste como regiões de passagem para o Centro-Oeste brasileiro.

Outro marco importante foi a expansão cafeeira paulista para o Oeste cujos principais benefícios para a região do Triângulo e Alto Paranaíba foram o comércio e a construção de estradas de ferro (Mogiana (1889); Estrada de Ferro Goiás (1910) e a ponte sobre o Rio Grande que permitem o estreitamento de laços com o núcleo urbano

---

<sup>1</sup> Economista pela FACE/ UFMG e Mestrando em Geografia Humana pela FFLCH/USP.

<sup>2</sup> Economista pela FACE/UFMG.

de São Paulo. Nas palavras de FREITAS e SAMPAIO (1985) “...marca as articulações da economia do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba com o centro dinâmico – São Paulo”. Segundo CANO (1977), São Paulo passava por uma fase de predomínio das plantações de café (tendendo à monocultura) e não sendo auto-suficiente na produção de alimentos, teve de importar sobretudo cereais.

Mas não foi só o café o único responsável pelo desenvolvimento da região, segundo DINIZ (2000) um conjunto de vários elementos viriam alterar radicalmente o futuro econômico da região. Dentre esses elementos merecem destaque a extensão da rede ferroviária nacional; a expansão cafeeira para o oeste paulista, a construção de Goiânia, como uma nova capital do Estado de Goiás na década de 20; a “Marcha para Oeste” proclamada por Getúlio Vargas em 1938; nos anos 50 e 60, no Governo Juscelino Kubischek, a implantação do Plano de Metas e a construção de Brasília viria a modificar radicalmente o papel do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste na articulação com São Paulo.

A expansão agrícola para o Centro-Oeste foi fundamental no processo de desenvolvimento de industrialização da região aqui tratada (BRANDÃO, 1989; GUIMARÃES, 1990; DINIZ, 1995).

## **2. Brasília**

Um dos aspectos mais importantes no desenvolvimento das regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste foi à construção de Brasília e a expansão agrícola para a região Centro-Oeste. Nessa seção iremos fazer uma análise do papel da nova capital para o desenvolvimento da região aqui estudada.

FREITAS e SAMPAIO (1985), BRANDÃO (1989), GUIMARÃES (1990) mostram que a construção de Brasília teve um impacto expressivo sobre diversos setores da economia local e regional (agricultura, indústria, comércio e serviços). A região sofreu intenso impacto com a mudança da capital para o planalto central.

A construção da nova capital selou a opção rodoviária brasileira, e delineou as rotas dinâmicas da economia, transformando Brasília no ponto nodal do sistema Rodoviário Brasileiro, permitindo a integração de expressiva parcela do território da região Centro-Oeste e Norte na rota de expansão da fronteira agrícola. As articulações Belém-Brasília; Brasília-Cuiabá; Brasília-Belo Horizonte; Brasília-São Paulo; colocam

as regiões do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste como ponto de passagem obrigatório para o interior do território nacional.

Além da articulação da malha rodoviária, todo o sistema de energia elétrica e de telecomunicações e o efeito urbano decorrente da instalação da burocracia governamental na nova capital (BRANDÃO, 1989 e GUIMARÃES, 1990) foram fundamentais para a região.

Se por um lado à nova capital representava a possibilidade de colonização das regiões Centro-Oeste e Norte, por outro a região constituía-se de um grande vazio (populacional e econômico) que necessitava ser abastecido de todo o tipo de produtos - agrícolas, industriais e de infra-estrutura. É nesse aspecto que o papel do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste se torna importante, ou seja, enquanto centro articulador entre a nova capital –Brasília e o centro industrial do país – São Paulo. Assim as regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste têm um determinismo geográfico natural. A região deve ao fator localização grande parte do seu desenvolvimento.

### **3. Adaptação Tecnológica para a Agricultura do Cerrado e o Novo Papel do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste**

A adaptação tecnológica para a agricultura do cerrado que permitiu a ocupação crescente de várias áreas agrícolas, em terras planas e de baixo custo, facilitando a expansão pecuária e agrícola do Centro-Oeste. Essa expansão foi iniciada nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e, posteriormente, Noroeste.

Os primeiros programas de desenvolvimento agrícola se iniciaram em 1967 com o Programa de Distribuição de Terras e Desenvolvimento agro-industrial – PROTERRA; o Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste – PRODOESTE (1971); o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados – PÓLOCENTRO (1974); o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado – PRODECER (1979); o Programa de Financiamento de Equipamentos de Irrigação – PROFIR (1982) (GOODMAN, 1978; GALINDO e SANTOS, 1995).

Todos esses programas permitiram povoar e construir uma infra-estrutura que fornecesse as condições para o surgimento de uma agricultura e pecuária desenvolvida na região do Centro-Oeste. No caso específico do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste também foram programas para o desenvolvimento da agricultura do cerrado que

alavancaram a agropecuária da região – o PÓLOCENTRO tinha como objetivo ocupar racionalmente as áreas de fronteira do cerrado aproveitando-as em escala empresarial. Esse programa, voltado para a média e grande propriedade, atuava nos setores de ciência e tecnologia, através do desenvolvimento da pesquisa e experimentação, de extensão rural, de infra-estrutura, da produção e comercialização de insumos básicos à agropecuária e de estímulo ao florestamento e reflorestamento, com linhas de crédito bastante vantajosas e atrativas para o produtor. Outro programa o PRODECER foi restrito ao Cerrado de Minas Gerais e tinha os mesmos fins e objetivos do PÓLOCENTRO.

No caso específico do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste, essa mudança produtiva da região Centro-Oeste que surgiu como uma área de agropecuária dinâmica (GOODMAN, 1978; GALINDO e SANTOS, 1995; DINIZ, 2000), forneceu os elementos básicos para a mudança estrutural no papel da região, passando de entreposto comercial para um entreposto agro-industrial e de serviços especializados para toda a região Centro-Oeste.

Com essa breve descrição procurou-se mostrar que as condições para o desenvolvimento agroindustrial das regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Noroeste, Sudoeste Goiano e entorno de Goiânia estavam dadas.

#### **4. A Desconcentração Industrial de São Paulo e a Consolidação da Região como Pólo Agro-industrial**

As condições básicas estavam dadas: a construção de Brasília e a malha rodoviária, os programas de desenvolvimento da agricultura dos cerrados e a infra-estrutura construída na região. Entretanto um fato ainda seria importante para consolidação da região como pólo agro-industrial dinâmico. Esse fato foi a desconcentração industrial da Região Metropolitana de São Paulo para o que DINIZ (1993) chamou de “polígono”. Esse polígono tinha como um de seus vértices a região de Uberlândia no Triângulo Mineiro.

Esse fato pode ser comprovado pela instalação na região de várias indústrias do complexo agro-industrial formado pelas indústrias produtoras de insumos, adubos, farmácia veterinária, biotecnologia, indústrias de beneficiamento como indústria de ração e beneficiamento de produtos agrícolas, frigoríficos, indústrias alimentícias e de

processamento de bens de consumo (calçados e móveis). Dentre estas grandes empresas do setor comercial, destaca-se a Martins, Peixoto, Arcon e Grupo ABC Algar. No setor agroindustrial, destaca-se Nestlé, Cica, Agrocerec, Gessy Lever, Souza Cruz e Cargil. Já no setor de metalurgia e extração mineral, destaca-se a Cia Mineradora de Minas Gerais, Fértil Fosfatos, Arafértil, Fosfértil, Fertibrás e Ipiranga Fertilizantes.

O trabalho de LEMOS, et al. (2000) evidência esse novo papel a ser cumprido pela região do Triângulo e Alto Paranaíba sob a área de influência do Macropólo de São Paulo, e o Noroeste sob a área de influência do Multipólo Brasília-Goiânia-Cuiabá. Nas palavras do autor:

*“em função de efeitos de transbordamento e acessibilidade, as áreas próximas de influência direta do pólo de São Paulo possuem vantagens de forte integração industrial intra-regional em termos de auferirem economias de especialização e de urbanização, decorrentes de integração geográfica intersetorial e da escala urbana capaz de ofertar um amplo espectro de serviços modernos ligados à produção industrial, como infra-estrutura de conhecimento; existe neste caso uma efetiva rede de cidades economicamente integradas”<sup>3</sup>*

A ligação entre São Paulo e o Triângulo constitui uma rede de cidades e um corredor desde o pólo de São Paulo passando por Campinas, Ribeirão Preto, Uberaba, Uberlândia, Goiânia e Brasília que fornecem as condições para o desenvolvimento da região: bom nível educacional (escolas, universidades, centros de pesquisa, empresas de Biotecnologia) e infra-estrutura consolidada e em fase de ampliação – as rodovias que ligam o Triângulo ao Estado de São Paulo e a duplicação da estrada que liga Uberaba a Uberlândia; a ampla disponibilidade de energia elétrica possibilitada pela localização da região em relação as usinas geradoras fornecem as condições para o contínuo crescimento e desenvolvimento regional.

Por outro lado, as microrregiões de Paracatu e Unai sob influência do macropólo do Centro-Oeste possuem ligação forte com Goiânia e Brasília absorvendo efeitos do avanço e desenvolvimento da agricultura dos cerrados. Tal influência só foi possível devido a já referida malha rodoviária construída tendo Brasília como eixo nodal.

Seria fator negativo, principalmente para o Estado de Minas Gerais, a pequena articulação da região com o restante do Estado.

---

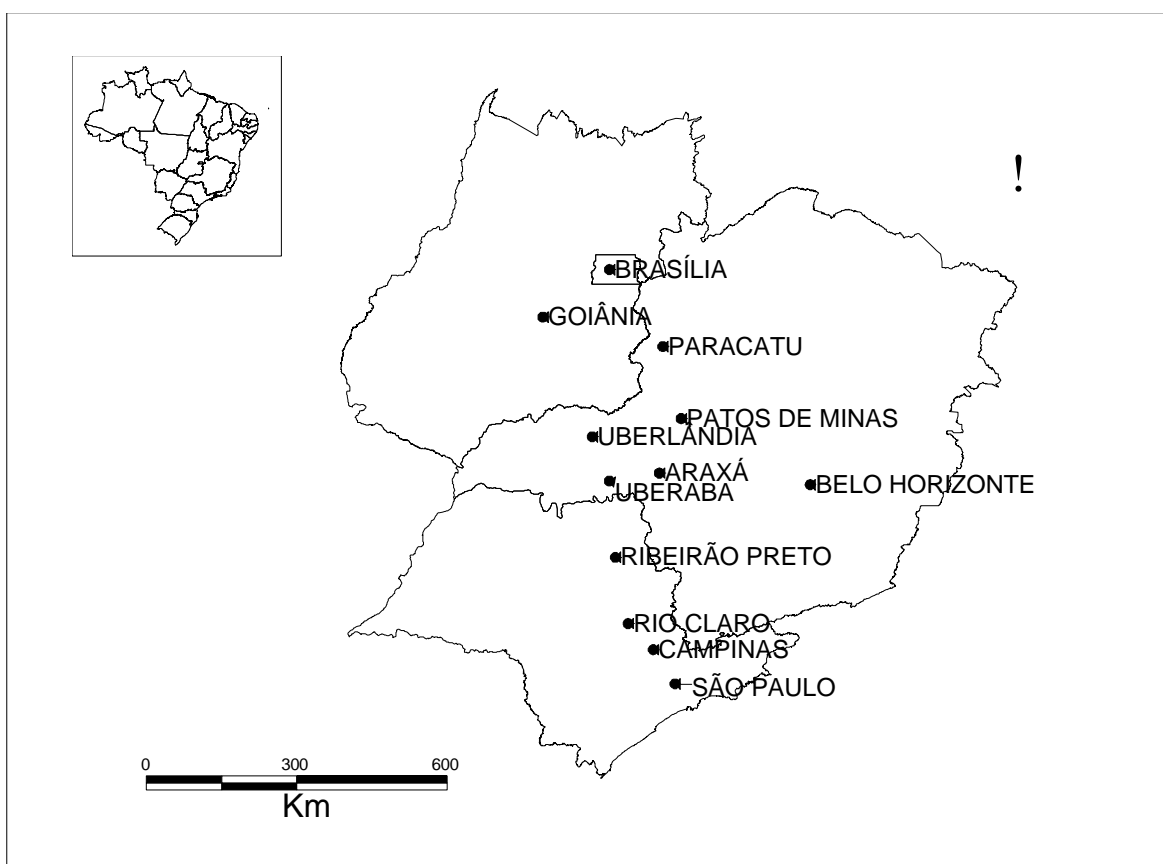
<sup>3</sup> LEMOS, M. et al *Nova Geografia Econômica do Brasil: uma proposta de regionalização com base nos pólos econômicos e suas áreas de influência*. Trabalho apresentado IX SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, Diamantina, 2000, p. 52.

## 5. Alguns números do desempenho recente da Região do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste

### 5.1. Localização Geográfica e Articulação

A região tratada no Estudo é constituída por 84 municípios que são compreendidos em 9 Microrregiões Geográficas. A localização privilegiada da região pode ser vista no Mapa 1. Os núcleos principais – Uberlândia, Uberaba, Unaí e Paracatu situam-se aproximadamente a: 500 Km de São Paulo; 550 Km de Belo Horizonte; 300 Km de Brasília.

**Mapa 1- Localização do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste**



## 5.2. Quociente Locacional e Emprego Industrial

Calculando-se o Quociente Locacional<sup>4</sup> para as 9 Microrregiões Geográficas do estudo<sup>5</sup> para o ano de 1999 observou-se a mudança no perfil da região – que se destacou em relação ao Estado.

O Quociente Locacional é uma medida de especialização porque compara o setor de uma determinada região com relação ao mesmo setor do Estado, País ou outra região. Para esse cálculo do Quociente Locacional foram utilizados os dados de número de emprego da RAIS segundo a Classificação dos sub-setores para o ano de 1999. Os cálculos tiveram como base o Estado de Minas Gerais. O objetivo é comparar a especialização da região com relação ao restante do Estado neste período. A Tabela 1 nos mostra o quociente locacional das microrregiões do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas Gerais.

**Tabela 1 – Quociente Locacional para as Microrregiões Estudadas**

	EXTR MINERAL	IND TRANSF	SERV IND UP	CONSTR CIVIL	COMER-CIO	SERVICOS	ADM PUBLICA	AGROPECUARIA	Total
Unaí	0,45	0,63	0,59	0,92	1,32	0,62	0,75	3,62	1,00
Paracatu	3,08	0,52	0,45	0,59	1,01	0,67	1,08	3,25	1,00
Ituiutaba	0,22	1,03	0,68	0,50	1,22	0,84	0,89	1,90	1,00
Uberlândia	0,21	0,91	0,70	1,09	1,41	1,13	0,54	1,34	1,00
Patrocínio	0,32	0,96	0,71	0,42	1,17	0,49	0,78	3,96	1,00
Patos de Minas	0,24	0,84	0,39	0,68	1,36	0,78	0,66	2,92	1,00
Frutal	0,27	0,95	1,59	0,26	1,16	0,47	1,22	2,68	1,00
Uberaba	0,48	1,13	0,96	1,02	1,21	1,06	0,53	1,52	1,00
Araxá	3,47	0,77	2,67	1,29	1,10	0,71	0,78	2,32	1,00
Região	0,73	0,91	0,91	0,89	1,28	0,90	0,68	2,10	1,00
Minas Gerais	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: RAIS/1999

$$^3 \text{ A Fórmula do Quociente Locacional é dada por: } QL_{ij} = \frac{\frac{Emprego_{ij}}{Emprego_{\bullet j}}}{\frac{Emprego_{i\bullet}}{Emprego_{\bullet\bullet}}} \text{ onde}$$

$Emprego_{ij}$  é o emprego no setor  $i$  na região  $j$ ;  $Emprego_{\bullet j}$  é o emprego de todos os setores ( $\sum i$ ) na região  $j$ ;  $Emprego_{i\bullet}$  é o emprego do setor  $i$  no Estado de Minas Gerais;  $Emprego_{\bullet\bullet}$  é o ( $\sum ij$ ) – emprego de todos os setores no Estado de Minas Gerais.

<sup>5</sup> Microrregiões contempladas pelo presente estudo: Uberlândia, Uberlândia, Unaí, Paracatu, Araxá, Frutal, Patos de Minas, Patrocínio e Ituiutaba.

Os resultados são coerentes com o esperado (diversificação econômica e consolidação da região como pólo agro-industrial) e os destaques ficam por conta da especialização da região nos setores ligados ao processamento de matéria prima – as agro-indústrias e o setor serviços (comércio e transporte). Observando-se os resultados destaca-se a especialização da microrregião de Uberlândia que se especializa em ensino, comércio atacadista, a indústria de alimentos e bebidas e a indústria de couro. Uberlândia cumpre assim um papel fundamental no processamento de produtos básicos da cadeia agropecuária e um outro de centro de distribuição atacadista, pois é a única Microrregião que tem destaque no comércio atacadista.

As microrregiões de Paracatu e Araxá tem especialização relativa na indústria extrativa mineral e no setor agrícola. Especialização explicada por fatores “weberianos” de localização – as minas de fosfatos que atendem a indústria de química de adubos e defensivos.

A microrregião de Uberaba constitui outro pólo importante na medida que possui uma relativa gama de especializações – fortalecendo-se como importante pólo químico e calçadista. Merece destaque ainda a indústria moveleira, de alimentos e bebidas. Apesar dessa diversificação ainda esta distante de cumprir o papel de Uberlândia pois não detém o papel de centro captador e distribuidor de mercadorias.

As demais microrregiões possuem especialização ligada a fatores “weberianos” de utilização das terras do cerrado que vem sendo utilizadas na produção agrícola de larga escala. Enquadram-se neste perfil, além de Paracatu e Araxá já citadas acima, as micros de Patos de Minas, Unaí, Patrocínio, Ituiutaba e Frutal.

No caso do emprego industrial, utilizando os dados da RAIS para os anos de 1986 e 1999, observa-se um crescimento da região bem acima da média do Estado. Fica fácil perceber isso analisando a Tabela 2, que mostra o comportamento setorial da região do Estado entre 1986 e 1999.



**Tabela 2 – Evolução do Emprego Setorial das Microrregiões Estudadas**

Micro/Região	Agropecuário			Indústria Transformação			Comércio e Serviços			Total		
	1986	1999	Tx anual cres.	1986	1999	Tx anual cres.	1986	1999	Tx anual cres.	1986	1999	Tx anual cres.
Unai	519	2826	13	222	1136	13	2014	4111	5	4196	10540	7
Paracatu	645	4789	15	1705	1797	0	5053	7046	3	10351	19885	5
Ituiutaba	636	2278	10	2366	2870	1	6138	7072	1	12576	16149	2
Uberlândia	3291	11620	10	14265	18386	2	43054	64450	3	73419	117144	4
Patrocínio	442	7286	22	2719	4120	3	4379	8139	5	11100	24829	6
Patos de Minas	332	6505	23	1872	4325	6	9021	13314	3	16037	30023	5
Frutal	1484	3148	6	1001	2594	7	3707	5062	2	8749	15845	5
Uberaba	900	6038	15	9205	10432	1	17367	26861	3	35767	53709	3
Araxá	165	4570	26	1617	3539	6	6544	10095	3	15360	26614	4
Região	8414	49060	14	34972	49199	3	97277	146150	3	187555	314738	4
Minas Gerais	33311	202267	14	458546	469725	0	905682	1222496	2	2096215	2728506	2

Fonte: RAIS/TEM, 1986 e 1999.

Considerando-se o emprego total dado pela RAIS, a região apresenta crescimento médio anual de 4% contra 2% do Estado de Minas Gerais, ressalta-se que apenas a microrregião de Ituiutaba possui crescimento igual ao do Estado. No setor de comércio e serviços ocorre algo semelhante, a região cresce a uma taxa média de 3% contra 2% do Estado.

A indústria de transformação e a agricultura apresentam grandes variações na taxa de crescimento industrial, muito em função da pequena base em 1986. Na indústria de transformação destaque para as microrregiões de Uberlândia e Uberaba que possuem os maiores números absolutos em termos de emprego, tanto em 1986 quanto em 1999. Com relação a agricultura salta aos olhos os crescimentos de Araxá (26% a.a.), Patos de Minas (23% a. a.) e Patrocínio (22% a. a.). Apesar da base pequena proporcionar um crescimento relativo alto, nesse caso ele também o é em termos absolutos. Destaca-se que enquanto o Estado não obteve crescimento no setor da indústria de transformação no período, a região apresentou crescimento de 4% ao ano, mais uma vez ressaltando o bom desempenho e a diversificação regional.

### 5.3. População e renda

Em termos de crescimento populacional a região apresenta crescimento acima da média do Estado de Minas Gerais – taxa de 1,8% ao ano da região contra 1,4% do Estado (Tabela 3). Esse fato é também fruto do saldo migratório positivo da região (BERTULUCCI, 2001). Destaca-se o crescimento de Uberlândia e Uberaba que continuam sendo as regiões que continuam a atrair população.

**Tabela 3 – População e PIB**

Micro/Região	População		Taxa Anual de Crescimento 91-00	Taxa de crescimento anual 1975-1996			
	1991	2000		Primário	Secundário	Terceário	Total
Unai	126817	137634	0,9	4,2	2,0	3,2	3,1
Paracatu	172549	196875	1,5	1,8	12,0	1,7	3,0
Ituiutaba	115206	133073	1,6	-0,2	4,6	0,3	1,0
Uberlândia	564691	702074	2,4	3,9	8,2	3,4	4,3
Patrocínio	155905	183721	1,8	3,0	10,3	3,4	4,1
Patos de Minas	199527	232444	1,7	5,6	7,3	2,9	4,9
Frutal	144634	154208	0,7	2,8	9,2	3,2	4,9
Uberaba	242310	290667	2,0	3,1	6,9	2,7	3,8
Araxá	158315	173699	1,0	4,0	9,9	3,2	4,2
Região	1879954	2204395	1,8	3,2	7,0	2,7	3,8
Minas Gerais	15743152	17 891 494	1,4	1,7	5,3	3,3	3,7
Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1991 e 2000.							
THOMPSON e SERRA, 1999.							
Obs: Cálculos do autor.							

No caso do PIB, o setor secundário foi o que mais cresceu na região: 7% ao ano no período de 1975 a 1996, contra 5,3% do Estado no mesmo período. Com exceção das microrregiões de Unai e Ituiutaba, todas as demais apresentaram crescimento acima da média do Estado para este setor. Outro aspecto importante diz respeito à participação do PIB da região relação ao Estado, situada em torno de 12% em 1996. Merece destaque a posição dos seguintes municípios no ranking mineiro: Uberlândia (4º lugar), Uberaba (7º lugar) e Patos de Minas (25º lugar).

O crescimento da região acima da média do Estado nos setores primário e secundário, analisados de forma conjugada, são uma demonstração de que a agroindústria tem uma importância crescente para a região.

## 6. Índice de Desenvolvimento Humano e a Região de Estudo

Ao utilizarmos o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) esperamos evidenciar a consolidação de alguns pólos econômicos regionais (Uberlândia e Uberaba) e o crescimento das demais microrregiões do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas Gerais. Procurando, assim, mostrar os impactos no IDH das mudanças e transformações anteriormente discutidas.

O IDH foi desenvolvido para ampliar o conceito de desenvolvimento que costumamos utilizar (desenvolvimento econômico). Este índice propõe estudar o desenvolvimento não apenas como desenvolvimento econômico, mas sobretudo como desenvolvimento humano. É importante perceber que a distinção entre desenvolvimento humano e econômico proposta pelo IDH não leva a uma contraposição destes conceitos. Prova maior disso é que o IDH, mensurador do desenvolvimento humano, contém o desenvolvimento econômico, como veremos a seguir. Como bem destaca o *Relatório sobre Desenvolvimento Humano no Brasil 1996*, nenhuma região é capaz de elevar o bem-estar de sua população sem vivenciar crescimentos econômicos.

Antes de prosseguirmos o presente estudo, é necessário conceituar desenvolvimento humano, para que o leitor tenha a exata dimensão do que estará sendo discutido. Segundo o *Relatório sobre Desenvolvimento Humano no Brasil 1996*:

*“Desenvolvimento humano é um conceito amplo e que pode ser definido como o processo para ampliação da gama de opções e oportunidades das pessoas. Dentro deste espectro, três opções básicas estão presentes em todos os níveis de desenvolvimento e aparecem como condição para as demais: desfrutar uma vida longa e saudável, adquirir conhecimento e ter acesso aos recursos necessários a um padrão de vida decente”.*<sup>6</sup>

Tendo em vista tal conceito, estamos aptos a estudar as ramificações do IDH. Este índice se divide em três sub-índices: IDH Longevidade, IDH Educação e IDH Renda. O IDH Longevidade se encarrega de verificar se a população desfruta (ou não) de uma vida longa e saudável; o IDH Educação estuda as condições desta população em adquirir conhecimento; já o IDH Renda analisa a acessibilidade da população “aos recursos necessários a um padrão de vida decente”.

---

<sup>6</sup> RELATÓRIO sobre o desenvolvimento humano no Brasil 1996. Brasília, DF. : IPEA.; PNUD, 1996, pág. 1.

A seguir, estudaremos o comportamento de cada um destes sub-índices no Triângulo Mineiro, Alta Paranaíba e Noroeste. Naturalmente, tentando verificar como o crescimento econômico da região, decorrente da expansão agrícola para o Centro-Oeste e da integração da região com o Estado de São Paulo, consolidaram e aumentaram os níveis de desenvolvimento humano da região

### 6.1 . IDH Renda no Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste

O IDH Renda é composto pela renda *per capita* da região a ser estudada. Desta forma, devemos analisar o IDH Renda tendo em vista a exposição feita acima sobre o crescimento populacional e do PIB. A Tabela 4 apresenta o desenvolvimento do IDH Renda das microrregiões em estudo, assim como a média desta região e do Estado de Minas Gerais.

Como podemos observar, a microrregião de Unai era a que apresentava menor IDH Renda em 1970, quadro que se manteve em 1980 e 1991. A invejável taxa de crescimento desta microrregião entre 1970 e 1980 ocorreu justamente porque sua situação em 1970 era muito ruim, tanto que este espetacular crescimento não foi suficiente para tirá-la incômoda posição de pior IDH Renda da região. Entre 1980 e 1991, Unai foi a microrregião que mais decresceu em renda per capita, o que só veio a ampliar o hiato entre esta microrregião e as demais.

**Tabela 4 – IDH Renda na Região e no Estado**

	IDH Renda			Taxa de Crescimento (%)		
	1970	1980	1991	1970-1980	1980-1991	1970-1991
Araxá	0,367	0,951	0,857	159,0	-9,9	133,3
Frutal	0,329	0,945	0,851	187,2	-9,9	158,7
Ituiutaba	0,342	0,947	0,860	176,6	-9,2	151,2
Paracatu	0,221	0,778	0,587	252,7	-24,5	166,2
Patos de Minas	0,274	0,793	0,810	189,5	2,1	195,7
Patrocínio	0,249	0,803	0,755	223,2	-6,1	203,6
Uberaba	0,490	0,952	0,950	94,5	-0,2	94,0
Uberlândia	0,476	0,952	0,950	99,8	-0,2	99,5
Unai	0,196	0,709	0,516	262,3	-27,1	164,0
Região	0,327	0,870	0,793	166,0	-8,9	142,5
MG	0,268	0,702	0,604	161,4	-14,0	124,9

Fonte: IPEA/PNUD

Paracatu e Patrocínio vêm a reforçar o fato de que as maiores taxas de crescimento são fruto da situação complicada em que as microrregiões estavam em 1970. Paracatu teve um comportamento muito semelhante ao de Unaí, com alta taxa de crescimento na década de 70, mas com alta taxa de decréscimo na década de 80. Já Patrocínio foi capaz de controlar sua perda em renda per capita na década de 80. Por isso mesmo o IDH Renda de Patrocínio está muito mais perto do IDH Renda das melhores microrregiões do que dos níveis de Paracatu e Unaí.

Microrregiões que apresentavam melhor situação em 1970 foram as que menos cresceram, como é o caso de Uberaba, Uberlândia e Araxá. Elas cresceram menos em renda per capita nas décadas de 70 e 80 porque partiram de uma base relativamente alta. Mas devemos perceber que o nível em que elas se encontravam em 1991 está no estrato mais alto do Estado, ou seja, estas microrregiões estão entre as mais desenvolvidas de Minas Gerais<sup>7</sup>.

A microrregião de Patos de Minas merece destaque, já que foi a única que não decresceu, evoluindo inclusive, em renda *per capita* na década de 80. Isso significa que Patos de Minas é a única microrregião que conseguiu estender seu prazo de crescimento.

Podemos inferir, portanto, que o desenvolvimento econômico do Centro-Oeste e a intergração com São Paulo tiveram um efeito consolidador no bem-estar da população das microrregiões que já tinham os melhores níveis econômicos da região. Já nas microrregiões menos desenvolvidas em IDH Renda, o efeito foi de impulsionar seu desenvolvimento.

Analisando de forma comparativa a evolução do IDH Renda da região estudada e do Estado, podemos verificar que aquela sempre apresentou índices mais altos que esta. Nas décadas de 70 e 80 esta diferença entre a região e o Estado se ampliou. Isso ocorreu, sem dúvida, por motivos já explicitados anteriormente, como a o desenvolvimento industrial da região para atender as necessidades do Centro-Oeste. A desconcentração de São Paulo, que teve no Triângulo um de seus vértices do polígono (Uberlândia), e a posição estratégica da região em relação ao Centro-Oeste, acabaram

---

<sup>7</sup> BOSCHI, R. F. *Condições de Vida em Minas Gerais sob a Perspectiva do Desenvolvimento Regional*. Belo Horizonte: 2000.

por proporcionar um aumento da renda per capita acima da média do Estado. Ou seja, a região se beneficiou diretamente dos efeitos da desconcentração industrial paulista.

## 6.2. IDH Educação no Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste

O IDH Educação é composto pela taxa de alfabetização dos adultos e pela taxa combinada de matrículas nos ensino fundamental, médio e superior. A Tabela 5 nos mostra a evolução do IDH Educação no Estado e entre as microrregiões que compõem a região estudada.

**Tabela 5 – IDH Educação na Região e no Estado**

	IDH Educação			Taxa de Crescimento (%)		
	1970	1980	1991	1970-1980	1980-1991	1970-1991
<b>Araxá</b>	0,539	0,614	0,681	13,9	11,0	26,4
<b>Frutal</b>	0,491	0,582	0,639	18,5	9,7	30,1
<b>Ituiutaba</b>	0,501	0,578	0,656	15,3	13,4	30,8
<b>Paracatu</b>	0,417	0,524	0,626	25,6	19,6	50,3
<b>Patos de Minas</b>	0,489	0,596	0,675	21,8	13,3	38,0
<b>Patrocínio</b>	0,522	0,602	0,669	15,4	11,0	28,2
<b>Uberaba</b>	0,582	0,658	0,728	13,0	10,5	25,0
<b>Uberlândia</b>	0,584	0,655	0,720	12,1	9,9	23,3
<b>Unai</b>	0,359	0,474	0,576	32,0	21,5	60,4
<b>Região</b>	0,498	0,587	0,663	17,8	13,0	33,1
<b>MG</b>	0,449	0,528	0,605	17,6	14,6	34,7

Fonte: IPEA/PNUD

Como fica evidente na tabela acima, a região estudada apresenta crescimento abaixo da média do Estado em IDH Educação, muito embora tal crescimento não seja muito diferente do apresentado pelo Estado.

As microrregiões que apresentam menor desenvolvimento em educação são Uberlândia, Uberaba e Araxá. Este baixo crescimento relativo é natural, já que estas são historicamente as microrregiões mais bem estruturadas. Um pequeno crescimento em uma base grande pode significar, em termos absolutos, o mesmo (ou até mais) que um grande crescimento em uma base pequena. É o que ocorre nestas microrregiões. o crescimento absoluto da taxa combinada de matrículas e pessoas alfabetizadas foi alto, mas comparativamente elas já apresentavam altas taxas destas variáveis.

Por outro lado, merece destaque o fato de microrregiões pouco desenvolvido educacionalmente em 1970 ter evoluído a taxas muito superiores às da média do Estado

de Minas Gerais. Este é o caso de Unaí, que obteve taxa de crescimento do IDH Educação 74% maior que a mesma taxa para o Estado. De forma semelhante, Paracatu apresentou taxa de crescimento do IDH Educação 45% superior à mesma taxa do Estado.

Diante do quadro relatado acima, podemos dizer que embora o hiato entre as cidades menos desenvolvidas educacionalmente e as mais desenvolvidas ainda seja muito grande, observamos um processo de homogeneização. As microrregiões que dispunham de uma infra-estrutura educacional mais precária estão se desenvolvendo mais rapidamente se comparadas com as microrregiões que já dispunham de infra-estrutura educacional.

Desta forma, podemos dizer que o desenvolvimento da atividade econômica da região, impulsionada pelo desenvolvimento do Centro-Oeste e da desconcentração industrial de São Paulo, teve um efeito transbordamento sob a educação de forma mais forte nas microrregiões até então menos desenvolvidas neste aspecto.

### 6.3. IDH Longevidade no Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste

O IDH Longevidade é composto unicamente pela esperança de vida ao nascer. A Tabela 6 apresenta a evolução do IDH Longevidade no Estado e entre as microrregiões que compõem a região estudada.

**Tabela 6– IDH Longevidade na Região e no Estado**

	IDH Longevidade			Taxa de Crescimento (%)		
	1970	1980	1991	1970-1980	1980-1991	1970-1991
Araxá	0,589	0,729	0,781	23,8	7,2	32,7
Frutal	0,559	0,700	0,788	25,2	12,5	40,9
Ituiutaba	0,530	0,691	0,796	30,3	15,3	50,3
Paracatu	0,570	0,669	0,742	17,4	10,9	30,2
Patos de Minas	0,578	0,695	0,787	20,1	13,3	36,2
Patrocínio	0,552	0,711	0,816	28,8	14,8	47,8
Uberaba	0,546	0,717	0,789	31,3	10,0	44,5
Uberlândia	0,586	0,714	0,806	21,8	12,9	37,5
Unaí	0,533	0,673	0,753	26,1	11,9	41,1
Região	0,560	0,700	0,784	24,9	12,1	39,9
MG	0,506	0,646	0,750	27,5	16,1	48,1

Fonte: IPEA/PNUD

Ao contrário do IDH Renda e do IDH Educação, o IDH Longevidade é bastante homogêneo entre as microrregiões. Isso acontece porque a esperança de vida ao nascer não depende unicamente da infra-estrutura que a cidade possui, mas também de sua história e cultura.

Prova desta homogeneidade é o curioso fato de Patrocínio, uma microrregião sem destaque nos demais sub-índices, apresentar o melhor IDH Longevidade em 1991. É curioso o fato de que não necessariamente as cidades com melhores IDH Longevidade são as com melhor IDH.

A taxa de crescimento da região estudada é menor que a média de Minas Gerais tanto na década de 70 como na de 80. Entretanto, é importante observar que o IDH Longevidade da região esteve sempre acima do IDH Longevidade do Estado. depois de atingido um alto índice, como é o caso da região, mais difícil é de se melhorar tal índice.

#### **6.4. IDH no Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste**

O bem-estar da região, medido aqui através do IDH, teve um crescimento apenas um pouco superior à média do Estado. Isso poderia dar a falsa ilusão de que o desenvolvimento do Centro-Oeste e a ligação com São Paulo não trouxeram para a região um desenvolvimento humano muito grande. Entretanto, devemos observar que a região apresentou um IDH maior que o do Estado nos três períodos de análise (1970, 1980, 1991). Como já salientamos anteriormente, o desenvolvimento humano tem um crescimento decrescente de escala quando se atinge um determinado padrão. Desta forma, o esforço marginal de uma melhoria no Triângulo é maior que no Norte do Estado, por exemplo.

A Tabela 7 nos mostra a evolução do IDH nas microrregiões de estudo e no Estado de Minas Gerais.



**Tabela 7 – IDH na Região e no Estado**

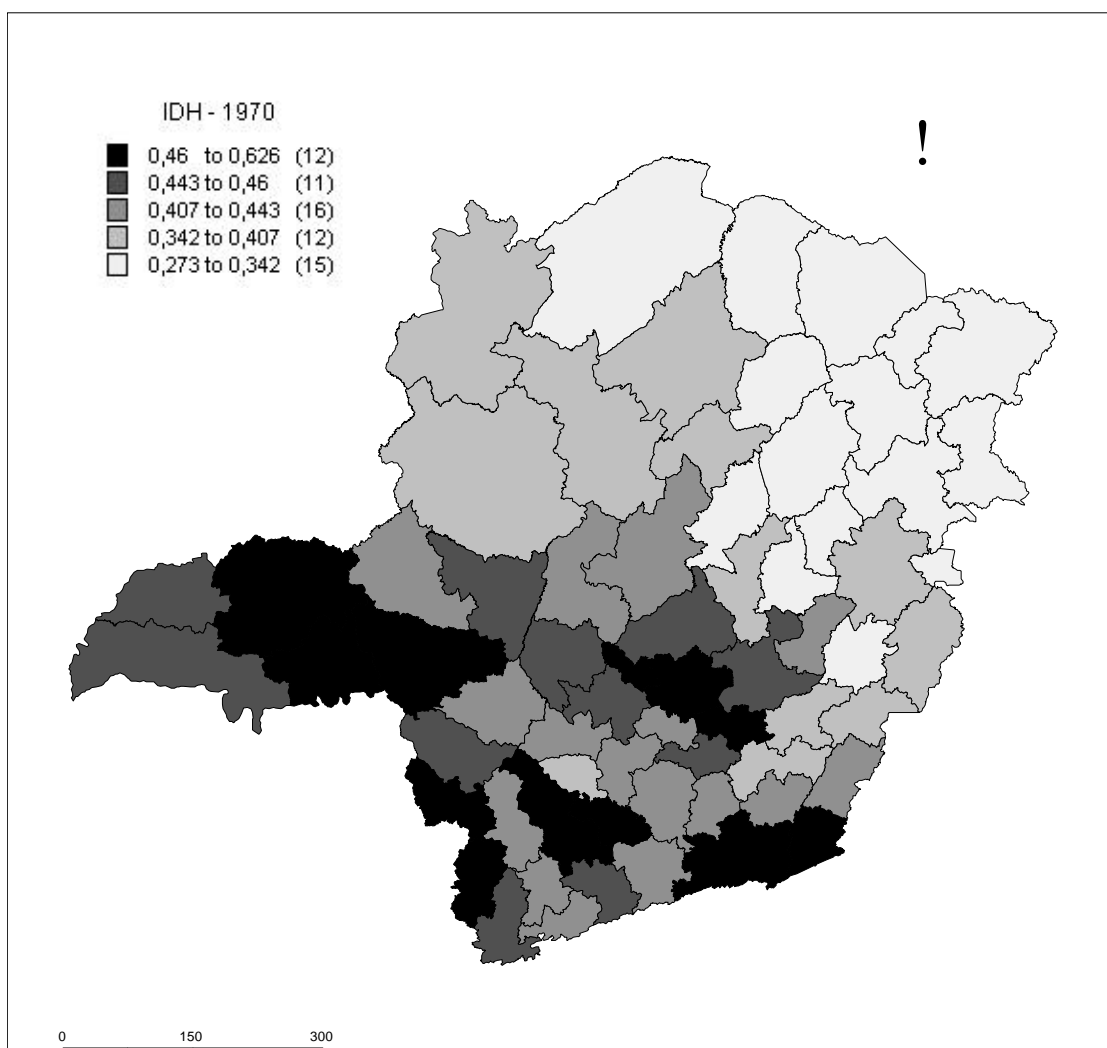
	IDH			Taxa de Crescimento (%)		
	1970	1980	1991	1970-1980	1980-1991	1970-1991
<b>Araxá</b>	0,498	0,765	0,773	53,4	1,1	55,1
<b>Frutal</b>	0,460	0,742	0,759	61,5	2,3	65,1
<b>Ituiutaba</b>	0,458	0,738	0,771	61,3	4,4	68,3
<b>Paracatu</b>	0,402	0,657	0,652	63,3	-0,8	62,0
<b>Patos de Minas</b>	0,447	0,695	0,758	55,3	9,1	69,4
<b>Patrocínio</b>	0,441	0,705	0,746	60,0	5,8	69,3
<b>Uberaba</b>	0,539	0,776	0,822	43,9	6,0	52,4
<b>Uberlândia</b>	0,549	0,774	0,825	40,9	6,7	50,4
<b>Unai</b>	0,363	0,618	0,615	70,5	-0,5	69,6
<b>Região</b>	0,462	0,719	0,747	55,6	3,9	61,7
<b>MG</b>	0,408	0,625	0,653	53,2	4,4	60,0

Fonte: IPEA/PNUD

É importante notarmos que as microrregiões que tinham os piores índices de desenvolvimento humano em 1970 são as que apresentaram taxa de crescimento do IDH acima da média do Estado de Minas Gerais. Portanto, podemos inferir que o desenvolvimento do Centro-Oeste e a ligação com São Paulo, contribuíram mais significativamente para o desenvolvendo das regiões que tinham menos infra-estrutura. De forma simultânea, tais fatores foram fundamentais na consolidação das microrregiões mais desenvolvidas. Desta forma, os efeitos da expansão do Centro-Oeste e da integração com São Paulo para o Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste se deram de forma a atenuar as diferenças entre as microrregiões.

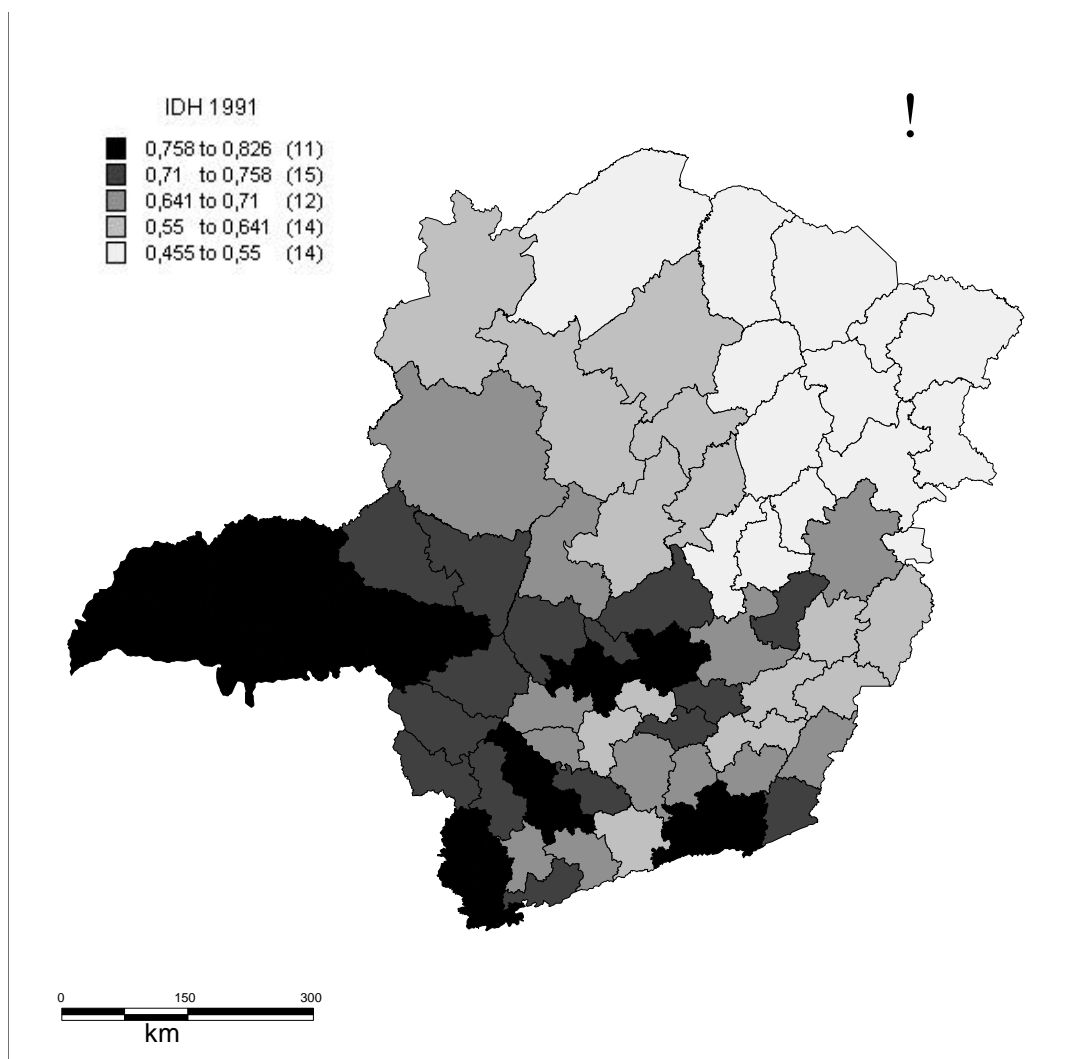
Os Mapas 2 e 3 apresentam a evolução do IDH nas microrregiões do Estado de Minas Gerias. Como pode ser observado, a região em estudo já estava acima da média mineira em 1970. Ao analisarmos os mapas fica fácil perceber que entre 1970 e 1991 ocorreu uma consolidação do alto padrão de vida da região. Como já foi dito, as microrregiões já bem desenvolvidas neste aspecto se consolidaram e as menos desenvolvidas experimentaram um desenvolvimento acima da média do Estado.

## Mapa 2 – Índice de Desenvolvimento Humano 1970 – Microrregiões Geográficas de Minas Gerais



Fonte: IBGE, Malha Municipal, 1991; Índice de Desenvolvimento Humano, 1996

### Mapa 3 – Índice de Desenvolvimento Humano 1991 – Microrregiões Geográficas de Minas Gerais



Fonte: IBGE, Malha Municipal, 1991; Índice de Desenvolvimento Humano, 1996

## 7. Considerações Finais

A partir da discussão vista acima, podemos concluir que a região em estudo apresenta uma forte ligação com o Centro-Oeste e com São Paulo. Esta relação é tão forte que modificações na economia do Centro-Oeste e de São Paulo são capazes de alterar significativamente a dinâmica econômica e humana (mensurados aqui através do IDH) da região. Tais alterações foram:

- consolidação, nos últimos anos, como pólo agroindustrial importante
- tendência à homogeneização dos Índices de Desenvolvimento Humano entre as microrregiões estudadas
- aparente a ligação com o restante do Estado de Minas Gerais é muito mais fraca do que com as regiões do Centro-Oeste e São Paulo
- crescimento do IDH Renda acima da média do Estado de Minas Gerais, evidenciando o papel do desenvolvimento econômico da região
- crescimento dos IDHs Longevidade e Educação ficaram abaixo da média do Estado de Minas Gerais, entretanto foi suficiente para manter a região entre as mais bem classificadas sob estes aspectos

Não é objetivo esgotar a discussão a respeito do desenvolvimento das Regiões do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas Gerais. O que fizemos foi explicar o desenvolvimento econômico e humano destas regiões a partir de suas ligações com o Centro-Oeste e com São Paulo. É necessário, e fica aqui o desafio, de estudo das interações da região estudada com o restante do Estado de Minas Gerais e como este poderia aprofundar as ligações, aparentemente tênues, com a região.

## Bibliografia

ANDRADE, T A.; SERRA, R. V. *Estimativas para o Produto Interno Bruto dos Municípios Brasileiros: 1975, 1980, 1985 e 1996*. Rio de Janeiro: IPEA (mimeo).

BERTOLUCCI Jr., L. *As migrações na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – Quinquênios 1975/80 e 1986/91*. UFMG/Cedeplar, Belo Horizonte, 2001. (Dissertação de Mestrado).

BOSCHI, R. F. *Condições de Vida em Minas Gerais sob a Perspectiva do Desenvolvimento regional*. Belo Horizonte: Cedeplar, 2000.

- BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. Relação de Informações Sociais (RAIS) Brasília: MTB, vários anos (disponível em CD-ROM)
- DINIZ, B. P. C. *Centro-Oeste: Dinâmica Econômica Recente e Potencial de Crescimento*. Monografia de Conclusão de Curso, FACE/UFMG, Belo Horizonte, Dezembro de 2000. (53p.)
- DINIZ, C. C. 'Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração nem contínua polarização'. In: *Revista Nova Economia*. V. 3, n. 1, Belo Horizonte, 1993.
- FREITAS, P. S. R.; SAMPAIO, R. C. (coords.) *Sinopse do Diagnóstico sócio-econômico do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (1940-1980)*. Uberlândia, UFU, Departamento de Economia, 1985.
- GALINDO, O.; SANTOS, V. M. "Centro- Oeste: evolução recente da economia regional" in: AFFONSO, R. B. A.; SILVA, P. L. B. (orgs.) *Desigualdades regionais e desenvolvimento*. São Paulo: FUNDAP, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. (Coleção Federalismo no Brasil).
- GOODMAN, D. "Expansão da fronteira e colonização rural: recente política de desenvolvimento no Centro- Oeste do Brasil" in: BAER, W.; GEIGER, P. P.; HADDAD, P. R. *Dimensões do desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 1978.
- GUIMARÃES, E. N. *Infra- estrutura pública e movimento de capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter- regional do trabalho*. Tese de Mestrado, CEDEPLAR/UFMG: Belo Horizonte, 1990. Cap. 2
- HADDAD, P. R. (org.) *Economia Regional: teorias e métodos de análise*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1989. 694 p. (Estudos Econômicos e Sociais, 36)
- IPEA/PNUD. *Relatório sobre o desenvolvimento humano no Brasil*. Brasília, IPEA, 1996.
- LE MOS, M. B.; et al. *A nova geografia econômica do Brasil: uma proposta de regionalização com base nos pólos econômicos e suas áreas de influência*. Texto Apresentado no IX Seminário sobre a Economia Mineira, Diamantina, 29 de Agosto a 1º de Setembro de 2000.
- ONU. *Human Development Report*. New York: Oxford University, 1996.